

Black Twitter: renegociando sentidos de comunidade em materialidades digitais

Fernanda Carrera

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Niterói, RJ, Brasil
ORCID <https://orcid.org/0000-0001-5024-0860>

Denise Carvalho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, Natal, RN, Brasil
ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7569-6127>

Resumo

Este trabalho realiza uma discussão teórica e exploratória a respeito do *Black Twitter* e as reconfigurações dos sentidos de comunidade no contexto contemporâneo. Ao pensar sobre o *Black Twitter* como uma manifestação singular de agrupamento social, entende-se aqui a necessidade de repensar as convicções, os sentidos e os pressupostos acerca das comunidades, mesmo aqueles tencionados já na conjuntura das materialidades digitais. Nesse sentido, são sugeridas renegociações dos ideais de comunidade já consolidados teoricamente, entre dimensões de rupturas e continuidades, debruçando-se sobre os ideais de pertencimento, território, unidade, permanência, hierarquia e cooperação, além de inserir a gíngua como construto fundamental para a compreensão do *Black Twitter* e das suas práticas comunicacionais de construção de comunidade diante do cenário sociocultural e tecnológico vigente.

Palavras-chave

Black Twitter; comunidades; materialidades digitais

1 Introdução

Em 12 de junho de 2020, Gabriel Silva Santos, de 22 anos, foi preso pela Polícia Militar da Bahia por suspeita de roubo de carro. Gabriel estava desempregado, em virtude da pandemia do coronavírus, e havia saído de casa para sacar o seguro-desemprego. Sua prisão,

ocorrida na saída do banco, foi registrada como “flagrante”, e a única prova contra Gabriel eram suas características físicas (negro, loiro, com tatuagens no corpo), embora nem tenha sido reconhecido pela vítima do assalto. A família de Gabriel, então, tentou dizer à polícia que o rapaz era inocente e nem mesmo sabia dirigir, mas isso não foi suficiente para destituí-lo da culpa. A hashtag #soltemGabriel, então, deu a visibilidade que o caso precisava para o jovem ser libertado em 24 horas.

O caso da mobilização no *Twitter* em torno da prisão de Gabriel foi divulgado em diversos portais de notícias do Brasil. A *Ponte Jornalismo* (VASCONCELOS, 2020)¹ apontou para a viralização causada por “militantes antirracistas de diversas partes do país”, destacando a atuação, nessa rede, de jornalistas (como a repórter Ashley Malia, que na ocasião escrevia para o jornal *A Tarde* e para o *Pretitudes*), advogados e colunistas de sites de coletivos, como Raull Santiago, do coletivo *Papo Reto* e Levi Kaique, do site *Mundo Negro*. No dia 15 de junho, Levi retuitou a matéria da *Ponte*, dizendo: “Matéria explicando todo o caso da prisão injusta de Gabriel e a mobilização que o *Pretitudes* fez e todo barulho que o *Black Twitter* fez pra conseguirmos soltar ele” (FERREIRA, 2020, online), destacando sua participação na comunidade articulada no *Twitter* e a potência das práticas sociais ali construídas em torno das demandas e dos interesses de sujeitos negros.

O caso de Gabriel não foi o único que mobilizou o *Black Twitter* aqui no Brasil², assim como são diversos os casos ocorridos no contexto estadunidense, onde a ideia da comunidade surgiu (CLARK, 2015). Nos EUA, o conceito apareceu após pesquisas identificarem alto uso do *Twitter* pela comunidade negra, sobretudo em virtude da facilidade de acesso a *smartphones* e a rapidez da plataforma para denúncia de vigilância e violência policial (HILL, 2018). Ao se descobrir que, muitas vezes, os usuários negros do *Twitter* dominavam o discurso ali circulante, começou-se a questionar, inclusive, a ideia da dominação absoluta das narrativas brancas na internet (BROCK, 2012). Embora tenha emergido na sua dimensão quantitativa, quando se admitiu ter um agrupamento significativo em torno de pautas negras nos Estados Unidos, é no domínio desta coletividade, quando se admite um projeto comum, que se entende o *Black Twitter* agora como uma comunidade “transnacional”, envolvendo um número expressivo de usuários da África e da diáspora, unindo, inclusive, norte-americanos e o sul global (FLORINI, 2019, p. 25).

¹ Agência de Notícias e organização sem fins lucrativos com foco no jornalismo independente.

² O caso da prisão injusta do produtor cultural Gustavo Nobre e a hashtag #liberdadeprogugu (REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA, 2021), assim como a prisão do DJ Rennan da Penha e a hashtag #liberdaDERennandapENHA (SCHUINA, 2019) são dois dos diversos casos de mobilização do *Black Twitter* brasileiro.

No entanto, reconhecendo a potência do agrupamento para mobilizações e acontecimentos até mesmo externos à plataforma, assim como para a projeção de pautas importantes para a população negra no ambiente digital, de que modo pode-se afirmar a existência, de fato, de uma comunidade chamada *Black Twitter*? Onde se manifestam atributos nesta rede que se associem aos pressupostos tradicionalmente pensados para as comunidades? O caso de Gabriel, por exemplo, deixou evidente que há autoinscrição e declaração de participação (como foi acionado por Levi Kaíque), mas o texto jornalístico da Ponte destacou sua ação individual e não em uma perspectiva de movimento unificado e coletivizado em direção à ideia de uma comunidade propriamente dita. Isso porque a própria materialidade insere tensionamentos importantes acerca de territorialidade e dinâmicas de demarcação dos espaços comuns e restritos, assim como problematiza o entendimento sobre hierarquias e inclusive a identificação de quem faz parte ou não das comunidades ali inscritas.

Ao mesmo tempo, embora comunidades em ambientes digitais já tenham sido amplamente discutidas no campo da comunicação e das ciências sociais, o *Black Twitter* parece também inserir desvios significativos das teorizações já estabelecidas a respeito das “comunidades virtuais” (RHEINGOLD, 1996; PALACIOS, 1996; RECUERO, 2004; LEMOS, 2007; PRIMO, 1997), apontando para a necessidade de maior debate a respeito dos seus fundamentos e das práticas em geral associadas à construção de comunidades *online*. Nesse sentido, este trabalho busca realizar essa discussão, trazendo à tona as especificidades do *Black Twitter* que podem estar estremecendo cristalizações teóricas sobre comunidades, comunidades virtuais e, até mesmo, sentidos de coletividade em materialidades digitais contemporâneas. Ao propor este desafio, destaca-se aqui a lacuna racial nos chamados “*internet studies*” ou “*digital studies*”, que por muito tempo alicerçaram suas discussões em torno de uma utopia de inexistência de identidades racializadas no domínio da sociabilidade digital (HAMILTON, 2020, p. 292-293); assim como são colocados em evidência modos de pensar as práticas sociais contemporâneas agora sob a lente crítica da racialidade.

2 Pressupostos tradicionais acerca de comunidades e comunidades digitais

O princípio do convívio em grupo caminha em paralelo com a humanidade, mesmo antes do fim do nomadismo e mesmo antes da fixação das sociedades mais remotas (SILVA; PALLADINO, 2014). Uma percepção inicial sobre comunidade é geralmente construída a partir de elementos como solidariedade, identificação e confiança, entre outros fatores

gregários. A noção de comunidade é perpassada pela ideia de um grupo social estabelecido por meio de um vínculo territorial e que, para existir, depende de uma delimitação geográfica (PRIMO, 1997; TÖNNIES, 1995). Os elementos agregadores de uma comunidade — como o afeto, a intimidade e o senso de cooperação — são construídos por uma espécie de homogeneidade no compartilhamento de valores, de objetivos e dos modos de pensar e de agir.

Essa concepção de comunidade é delimitada por demarcação espacial e por aspectos de coesão dos indivíduos com base em uma completa e total homogeneização das mentes e das práticas. A noção de comunidade neste contexto é constituída com base em três elementos: as relações geradas a partir de vínculos familiares, as relações de vizinhança geradas a partir do compartilhamento de territórios e as relações geradas a partir das amizades e dos interesses e valores comuns (TÖNNIES, 1995).

A era pós-moderna é marcada por mudanças de configuração no próprio conceito de comunidade. Se, anteriormente, as comunidades eram constituídas por grupos que prevaleciam sobre os indivíduos, na contemporaneidade os indivíduos experimentam uma busca constante pela construção de uma identidade, passando inclusive a se reunir com outros indivíduos em torno de símbolos que representem uma identificação de um número de indivíduos reunidos em grupo (SILVA; PALLADINO, 2014). Neste processo, os indivíduos modernos são apreendidos num processo gradual de despersonalização, desagregação, massificação e alienação (PALACIOS, 1996).

Esta era, Moderna, marcada pelo declínio da comunidade (RECUERO, 2004), chamada de “crise da identidade”, fornece condições para o surgimento de novas identidades que fragmentam os indivíduos modernos, até então percebidos como sujeitos unificados (HALL, 2006). Hall (2006) identifica que é precisamente no contexto pós-moderno que estas individualidades fragmentadas voltam a se reagrupar. Nos dias atuais, as comunidades passam a ser constituídas por grupos de pessoas em torno de uma diversidade de símbolos de identificação.

Essas novas dinâmicas de reagrupamento contribuem para modificar a própria noção de comunidade (RECUERO, 2004), ao transpassarem o espaço físico para o ambiente virtual. Uma destas novas configurações é apresentada sob a forma de agrupamentos culturais representados por encontros sistemáticos de pessoas no ciberespaço, chamados de comunidades virtuais por Rheingold (1996), precursor do conceito. A comunidade virtual envolve interações sociais mediadas pela internet por grupos de pessoas que compartilham

interesses, objetivos, valores e redes de apoio mútuo, tendo em vista metas compartilhadas em comum (RHEINGOLD, 1996).

Segundo Palacios (1996), em grande parte, essas interações — que, em um segundo momento, também podem ser estendidas para o espaço físico — são fundamentadas em relações profundas firmadas em torno de valores e interesses socialmente compartilhados. O convívio no espaço virtual é permeado por assuntos específicos determinantes para fazer ou desfazer amizades e para amplificar a proximidade intelectual e emocional, podendo, até mesmo, transmutar interações virtuais para o espaço físico (PRIMO, 1997).

Cria-se, a partir do ciberespaço, um processo de interação social renovado, particular e agora mais solidário, fundamentado pelo sentimento de pertencimento, delineado para a cooperação, a atuação organizada e para o compartilhamento de projetos em comum. Entre os elementos que compõem as comunidades tradicionais, existem: (1) o sentimento de pertencimento; (2) elementos que contribuem para o desenvolvimento de um formato mais consolidado, com uma tendência à institucionalização; (3) meios próprios de comunicação entre as pessoas da comunidade por meio de veículos específicos; (4) a territorialidade, seja geográfica ou simbólica; (5) a permanência, em contraposição à efemeridade; (6) a cooperação, o sentimento de comunidade e o compartilhamento de projetos em comum (PALACIOS, 2006).

Há, então, características intrínsecas às comunidades virtuais: (1) o sentimento de pertencimento está condicionado à escolha das pessoas e ocorre em grande parte à distância e desvinculado de uma localização geográfica comum; (2) a territorialidade é unicamente simbólica; (3) a permanência tende a ser efêmera, e não permanente; (4) a permanência, em geral, está relacionada à institucionalização prévia; (5) os meios de comunicação constituem a própria existência da comunidade; (6) os projetos em comum que demarcam a cooperação e o sentimento de comunidade são centrados no presente e não no futuro (PALACIOS, 2006).

Em linhas gerais, as relações estabelecidas nas comunidades virtuais são mediadas pelas redes de computadores e demarcadas por laços relacionais fundamentados em reciprocidade, confiança e, principalmente, interatividade no ciberespaço, configurando-o como um espaço comunicativo que transpõe as possibilidades de encontros geográficos *offline* pela própria distância geográfica (RECUERO, 2004, 2005). Em determinadas redes, como no *Twitter*, por exemplo, as relações envolvem uma série de trocas comunicativas expressas pela difusão de informação e de conversação, sendo instituídas exclusivamente pela rede estabelecida por seguidores e por redes ocultas, estabelecidas pelas relações de

interação não necessariamente visíveis (RECUERO, 2009, 2004). Contudo, o componente que prepondera na concepção dessas relações é o capital social, que envolve privilégios e benefícios específicos construídos para uma rede de atores específicos ou apropriados por atores individuais vinculados a pautas ideológicas e interesses também específicos. Ou seja, o aspecto de perenidade das comunidades virtuais está diretamente ligado às possibilidades de prolongamento das trocas e da consolidação sistemática dos laços sociais (RECUERO, 2009, 2004).

3 *Black Twitter*: uma comunidade entre continuidades e rupturas

Entendido simplesmente como uma “significativa presença negra no *Twitter*” (FLORINI, 2014, p. 225), como comunidade virtual (HILL, 2018), meta-rede e contra-público digital (CLARK, 2015; HILL, 2018) ou “público social” — em referência à construção de um agrupamento de sujeitos a partir das mídias sociais (BROCK, 2012), o *Black Twitter* não encontra uníssono quando sua conceituação entra em debate. Na verdade, o consenso reside exatamente na sua complexidade, isto é, “*Black Twitter* não existe em um sentido único ou monolítico” (FLORINI, 2014, p. 49), mas, em vez disso, o que é estabelecido como *Black Twitter* é “uma definição heurística e imperfeita de um fenômeno visível” (HAMILTON, 2020, p. 296).

Embora sua definição ainda esteja imprecisa, é inegável reconhecer a potência do *Black Twitter* como um acontecimento sociocultural de relevância em torno das práticas contemporâneas de sociabilidade e construção de comunidade em ambientes digitais. Aliás, como Hamilton (2020, p. 296) destaca, “embora realçando diferentes aspectos da comunidade, todas estas definições convergem em torno de comunidade, interconexão e cultura”. É, portanto, o senso de comunidade que emerge como percepção comum, assim como é nessa articulação conceitual que reside sua problemática: quais os sentidos de comunidade que pairam sobre as práticas e as conversações no *Black Twitter*, uma vez que os pressupostos estabelecidos sobre esses tipos de agrupamentos sociais, mesmo já pensados no contexto das tecnologias digitais, são agora tensionados? Discute-se aqui sobre esses pressupostos, sobretudo quando tocam em noções de pertencimento, unidade, permanência, cooperação, território e hierarquia, apontando, a partir de *corpus* exploratório, para o que persiste e o que fratura as concepções teóricas a respeito das comunidades na cultura contemporânea.

3.1 Pertencimento, unidade e território no *Black Twitter*

O pertencimento, enquanto construto já em disputa desde a emergência das “comunidades virtuais” (PALACIOS, 1996; RECUERO, 2004), oscila entre continuidades e rupturas também quando o foco são as manifestações em torno do *Black Twitter*. Embora a identificação racial seja um pressuposto fundamental, a entrada na comunidade não é automatizada a partir da sua percepção de si e da sua vivência como sujeito negro, mas é autorizada somente quando estas percepções não somente são comunicadas frequentemente (CLARK, 2015), mas também quando são percebidas e legitimadas pelos outros participantes. A entrada no *Black Twitter* e o senso de pertencimento, então, são processos dialógicos e constantemente negociados, problematizando o que parecia “plenamente eletivo” (PALACIOS, 1996, p. 7) a respeito das comunidades virtuais.

A ideia de uma suposta eletividade de pertencimento ou de facilidade para múltiplas inscrições sociais, portanto, pode ter negligenciado a potência das interações e dos afetos construídos em ambientes digitais. Assim como em comunidades construídas em outros espaços, o pertencimento no *Black Twitter* não é um construto autônomo e individual, ao contrário, ele não somente depende da validação dos outros sujeitos do grupo como, muitas vezes, pode ser acionado e iniciado pela alteridade. Além disso, o pertencimento à comunidade não segue a lógica tecnicista dos cliques no *subscribe/unsubscribe*³, mas aos processos de significação que esses atos, somados a outros comportamentos, constroem nas relações e nas interações que ali se estabelecem. Ou seja, ser e se sentir participante do *Black Twitter* é estar sempre sob os códigos performativos legitimados pela comunidade: o pertencimento é, evidentemente, um processo dialógico. Seguir, bloquear e ser bloqueado, retuitar e curtir algum tuíte pode ser tanto a validação necessária para a entrada no grupo como pode ser o ponto de partida para a sua fragilização (ver figura 1).

Figura 1 - Códigos de pertencimento e desautorização no *Black Twitter*



Fonte: Dados da pesquisa.

³ Em português, em geral os botões são “inscrever-se” e “sair do grupo”.

No *Black Twitter*, a inscrição na comunidade não segue, então, nem o regime técnico dos fóruns, dos espaços de bate-papo e dos agrupamentos em sites de redes sociais (como *Facebook* e *Orkut*), uma vez que não há onde clicar para adentrar no território específico da comunidade, como também os sentidos de pertencimento não estão tão disponíveis e estáveis. Ser, portanto, negro e participar ativamente das discussões que ocorrem no espaço limitado do *Twitter* não são atributos suficientes para alcançar o lugar de pertença, até mesmo porque o *Black Twitter* não representa a totalidade da presença negra ali (BROCK, 2012). Nesse sentido, o sentimento que envolve o reconhecer-se como parte do grupo advém mais da manutenção das relações, dos afetos e da rede de colaboração que se constrói sob a insígnia do *Black Twitter* do que por meio de atividades pragmáticas resumidas a entrar e sair do lócus da comunidade.

No entanto, apesar de parecer instável e pulverizado em diversas manifestações interacionais e subjetivas, o pertencimento é uma das características de comunidade mais continuadas e potentes no *Black Twitter*. Há um sentido de pertencimento frequentemente mobilizado tanto na definição externa ao grupo quanto no fortalecimento das subjetividades que se reconhecem ali dentro. Muitas vezes, a pertença é acionada verbalmente e explicitamente, tanto para o fortalecimento dos laços estabelecidos quanto como ferramenta de mobilização e resistência a ameaças externas (ver figura 2). O pertencimento, então, é um construto autodefinido (CLARK, 2015) e necessariamente partilhado, negociado e protegido.

Dessa forma, a percepção de unidade é também produzida e estimulada como uma forma de construir uma demarcação simbólica para uma comunidade sem delimitações físicas e territoriais evidentes. A unidade, então, é um dos aparatos simbólicos acionados para a construção do pertencimento, porque é ela que fornece a sensação da partilha do interesse comum. Paira no *Black Twitter* a ideia, obviamente sob tensionamentos e disputas, de uma agenda da comunidade, isto é, aquilo que pauta a discussão pública. Recorre-se a esta unidade, a este ideal de interação de uma coletividade reservada, para sentir-se como parte do grupo e compartilhar esta sensação de pertencimento (ver figura 3). Nesse sentido, o *Black Twitter* segue as premissas anteriores sobre agrupamentos sociais e apresenta um *continuum* em torno desta percepção de todo, cuja existência é a própria razão para a construção da comunidade.

Figura 2 - Manifestações de autodefinição para pertença no *Black Twitter*

Meu black twitter, eu tava lembrando de umas situações afetivas bem chatas que eu já passei e queria saber se vocês já passaram por isso também. Vamo papear? Eu lembro de uma vez que o @ tentou me puxar escondido pro banheiro pra ficar cmg num rolê, é mole?

Para além da beleza que esse encontro do Black Twitter oferece mais uma vez, só tenho uma coisa pra dizer: quem é de verdade sabe quem é de mentral ((e cuidemos desses corações generosos e corajosos, meu bem 🍀💙))

Replied to [redacted]

kkkkk... amo.

Acho melhor apagarmos os tweets dessa conversa pq já tô vendo branco curtindo comentário aqui com aquela intenção "corre pra ver briga do povim do black twitter, gente", como se a gente tivesse brigando...

3:39 PM · Dec 13, 2021 · Twitter Web App

1 Like

Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 3 - Senso de unidade como uma característica de comunidade continuada no *Black Twitter*.



Fonte: Dados da pesquisa.

Nesse sentido, essa percepção de unidade serve à construção do fortalecimento identitário e do pertencimento em um ambiente — seguindo os pressupostos tradicionais — desterritorializado. Ao contrário de outras comunidades que se formam e se estabelecem em outras plataformas digitais, o *Black Twitter* tem a sua fronteira ampliada para todo o espaço disponível para interação no site. Em contraste, então, com as possibilidades de agrupamento no *Facebook* ou com os fóruns de discussão contemporâneos que têm enfoque em comunidades, como o *Reddit*, o *Twitter* não oferece compartimentos ou setorizações em sua plataforma que permitam a concentração da comunidade em um espaço reservado. Assim, a entrada na comunidade acontece sempre no plano das percepções e dos sentidos compartilhados, sem a inscrição direta a partir de um dispositivo reativo do aparato técnico (como o botão de “participar do grupo”, no *Facebook* e o de “unir-se”, do *Reddit*). A percepção, então, de unidade ou de pauta comum, é o construto simbólico fundamental para a demarcação deste território, no qual as interações relevantes da comunidade se formam e os laços sociais são reforçados.

As noções de espaço e território para as comunidades digitais⁴, aliás, já encontram ampliada discussão nos estudos em ciências sociais e comunicação (RHEINGOLD, 1996;

⁴ Opta-se aqui por utilizar “comunidades digitais” em vez de “comunidades virtuais” pelo efeito de sentido do termo “virtual”, que parece se opor ao objetivo do trabalho de perceber o *Black Twitter* e as comunidades em plataformas digitais em sua potência imediata de existir e agir. Para além da ultrapassada percepção de dicotomia real x virtual, que atribuída uma subestimação das práticas sociais online em relação àquelas ocorridas em ambiente face a face, pode-se dizer que as plataformas digitais podem ser mais um espaço de sociabilidade como aqueles que tradicionalmente foram pensados como lócus para construção da esfera pública. Nesse sentido, o foco na questão tecnológica não é um modo de atribuir determinância aos comportamentos sociais ali estabelecidos, mas apenas demonstrar que há importância destes aparatos tecnológicos para a formação de relevantes agrupamentos sociais contemporâneos.

PALACIOS, 1996; RECUERO, 2004; LEMOS, 2007; PRIMO, 1997), embora o foco em geral esteja no debate sobre a existência ou não da percepção de territorialidade em ambientes *online*, como os sites de redes sociais. Nesse sentido, é possível afirmar que o *Black Twitter* insere *problematizações* importantes tanto para aqueles que pensavam a total desterritorialização destas comunidades digitais, como também para aqueles que já consideravam o *locus* de interação desta comunidade como “*virtual settlements*” — conceito pensado por Jones (1997) e recuperado por Recuero (2004). Pode-se dizer que o *Black Twitter* tensiona esses dois polos ao mesmo tempo, já que encontra fronteiras concretas borradas e imprecisas até mesmo dentro do site e, também, atribui à plataforma um lugar fundamental para a emergência e manutenção da comunidade.

Desse modo, a territorialização, sobretudo relacionada à percepção de pertencimento no *Black Twitter*, obedece a regimes diferenciados daquela pensada por Palacios (1996, p. 7), quando aciona Giddens e discorre sobre os desencaixes dos sistemas sociais na Modernidade: “Nas comunidades virtuais esse processo de desencaixe atinge seu limite: o pertencimento é sempre um pertencimento à distância”. A distância, aqui mobilizada, refere-se ao espaço geográfico entre os sujeitos interagentes na comunidade, desconsiderando o ambiente online como este lugar de interação legítima para a formação dos laços sociais. Na verdade, o *Black Twitter* seria, uma “re-territorialização” de um espaço em desterritorialização, inclusive, como forma de “se movimentar nessas fronteiras, criar linhas de fuga, re-significar o inscrito e o instituído” (LEMOS, 2007, p. 4) e construir um espaço, dentro do *Twitter*, que “centraliza as experiências e as perspectivas negras” (FLORINI, 2019, p. 49).

O *Black Twitter*, então, tensiona esta noção de fronteira do território a partir de espaços geográficos, ampliando sua percepção para a ideia de um certo gerenciamento de divisas “físicas, sociais, simbólicas, culturais, subjetivas”, como é pensado por Lemos (2007, p. 4). O espaço reservado ao *Black Twitter*, então, não pode ser tocado ou interpretado a partir da totalidade do sistema sensorial humano, mas é sentido, reconhecido e experimentado por meio de uma lógica espacial do ambiente online que ainda carece de aprofundamento. Na direção do debate sobre o fenômeno, é importante ultrapassar a discussão a respeito da possibilidade de o *Twitter*, enquanto plataforma digital, ser um espaço legítimo para a formação de comunidades e, mais importante, busca-se discutir de que forma é possível (e se é necessário) identificar, dentro desse espaço, onde começa e onde termina o território do *Black Twitter*. Se a compreensão sobre o pertencimento em comunidades é ainda

problematizada pela característica desterritorializante dos ambientes online, pode-se afirmar que o *Black Twitter* insere outras camadas de complexidade ao debate.

Por outro lado, a ideia de “*virtual settlement*”, proposta por Jones (1997), parece vir como um modo de preencher a lacuna territorial sentida por pesquisadores que não concebem a “a ideia de uma comunidade sem um *locus* específico”, como trazido por Recuero (2004, p. 2). Nesse sentido, o conceito serve a estas perspectivas quando as oferece uma delimitação do que é a comunidade e o que seria o seu “ciber-lugar”, ou “uma base no ciberespaço, um senso de lugar, um *locus* virtual” (RECUERO, 2004, p. 2). No entanto, no caso do *Black Twitter*, esta separação entre comunidade e *locus* pode mascarar a importância da plataforma para a construção e manutenção de uma rede que parece existir significativamente vinculada aos aparatos técnicos e às práticas sociais que se desenvolveram por meio dela. Há, então um retorno à ideia de pertencimento também pelo lugar, uma vez que, mesmo havendo a possibilidade de os laços poderem ser reforçados e transpostos para outros ambientes, não haveria *Black Twitter* fora do *Twitter*. Isto é, a plataforma não seria apenas um lugar para acontecer o agrupamento social, podendo ser substituída por outro espaço caso necessário, mas ela está completamente imbricada à emergência da comunidade.

Não parece ser possível dizer, então, a respeito do *Black Twitter*, que “o sentimento de pertencimento é associado à comunidade em primeiro lugar e não ao território ou mesmo à representação do território” (RECUERO, 2004, p. 3), uma vez que esta hierarquização entre comunidade e território é vencida, portanto, pelo caráter interligado entre os sentidos de partilha e de interação e as simbologias da materialidade tecnológica. A formação do *Black Twitter*, então, depende de modo significativo dos sujeitos e narrativas negras acontecendo no *Twitter* e, havendo término da plataforma, os agrupamentos de pessoas negras surgidos em outros espaços construiriam outros sentidos em torno do novo dispositivo de mediação, mesmo que saudosos e envoltos em reapropriações das práticas sociais acontecidas anteriormente. Há, por exemplo, a emergência recente do *Black TikTok*, um agrupamento de criadores negros nesta plataforma que, embora ainda não se autodenominem como uma comunidade, já conseguiram alcançar modos de mobilização e reivindicação⁵ passíveis de transformá-los em uma. Não se pode dizer, contudo, que *Black Twitter* e *Black TikTok* seriam a mesma comunidade, uma vez que os modos de interação, os códigos e aparatos simbólicos,

⁵ Em 2021, criadores negros do *TikTok* organizaram uma “greve” na plataforma, reivindicando o crédito pelos seus conteúdos e por maior reconhecimento da plataforma (McCLAY, 2021).

assim como, sobretudo, os sujeitos participantes⁶, são bem distintos mesmo que tenham a narrativa negra como “mundo comum”.

No *Black Twitter*, o território e sua relação com a percepção de pertencimento podem ser ainda mais complexificados quando se insere a questão geopolítica como fator de impacto na comunidade e no próprio funcionamento das tecnologias digitais contemporâneas. Embora a ideia de territorialidade das comunidades resida nos limites simbólicos da plataforma, é importante reconhecer que os usuários partem também de *locus* de enunciação regido por princípios de colonialidade. Nesse sentido, os territórios digitais são negociações oscilantes entre os espaços de interação, uma vez que, embora considerem como fator de pertencimento a unidade da comunidade permitida na plataforma, também são significativamente impactados pelas relações de poder existentes em outros lugares de construção de vivências e de sociabilidade. Os participantes da comunidade, portanto, não somente podem transportar parte de suas redes *offline* para a comunidade digital, como podem atribuir hierarquias simbólicas baseadas em princípios geopolíticos que não são tão evidentes ou mesmo evidenciados na plataforma. O pertencimento, então, mesmo em comunidades digitais, pode carregar noções de territorialidade que ultrapassam a materialidade e espelham significados tradicionais de origem e localização.

Por exemplo, em trabalho recente, Cunha e Aleluia (2021) demonstraram que 51,6% dos perfis brasileiros verificados no *Twitter* estão concentrados no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, enquanto as regiões Norte e Nordeste, juntas, reúnem apenas 12% dos perfis com verificação. Entendendo os verificados como “pessoas de influência” dentro da rede (CUNHA; ALELUIA, 2021, p. 2), é difícil negligenciar o impacto dessa territorialização, mesmo que não seja para a criação e formação das comunidades, mas para a manutenção dos laços, percepções de hierarquias e construção de capital social. A materialidade, aliás, oferece a possibilidade de se fortalecer apenas as conexões entre esses usuários, oferecendo seus conteúdos e interações em lugar de destaque na interface da plataforma. Esta dinâmica proporcionada pelo *Twitter* ajuda a reproduzir percepções de colonialismo interno e a construir disputas de sentido em torno do pertencimento na comunidade, ao mesmo tempo que pode ofertar certo sentido de permanência (PALACIOS, 1996). O *Black Twitter*, portanto, não está imune a estes conflitos (ver figura 4).

Figura 4 - Disputas de sentido em torno de território e pertencimento no *Black Twitter*

⁶ A idade, inclusive, é um fator de diferenciação considerável: enquanto o *Twitter* tem a sua maioria formada por pessoas entre 25 e 34 anos (DIXON, 2022), o grupo majoritário no *TikTok* tem entre dez e 19 anos (DOYLE, 2023).



Fonte: Dados da pesquisa.

3.2 A ginga como ferramenta racializada de manutenção territorial

Twitter, assim como outras plataformas contemporâneas e materialidades digitais, podem ser extremamente violentos para pessoas negras (CRISS, 2021). Além de serem impactadas constantemente por discursos racistas advindos de usuários⁷, também terminam afetadas negativamente pela própria plataforma, sobretudo por meio de racismo algorítmico⁸. Nesse sentido, a permanência de sujeitos negros nesse espaço é continuamente uma sequência de modos de resistência e construção de contra-narrativas, em um processo de capitalização da visibilidade para a ampliação das suas vozes: utilizando estrategicamente as *affordances* (BOYD, 2011) do *Twitter*, como as *hashtags* e os *trending topics*, suas mensagens podem chegar a públicos maiores. No entanto, de acordo com Florini (2019, p. 69), essa visibilidade possibilitada pela plataforma é um constante paradoxo para a existência negra ali, uma vez que “*these same affordances bring unwanted visibility, particularly scrutiny from dominant groups, in ways that inhibit Black users from participating freely*”⁹.

Em meio ao paradoxo da visibilidade e do risco, portanto, pode-se dizer que o *Black Twitter*, já enquanto comunidade, oscila entre ser um contra-público digital e um quilombo ou aquilombamento digital. Isso porque a comunidade desenvolve ferramentas de interação e coesão grupal tanto para reagir ativamente contra narrativas hegemônicas que invisibilizam ou agridem pessoas negras; quanto para a criação de um espaço de segurança, uma cerca simbólica para a demarcação e defesa do território. Como a materialidade não oferece muitas formas de realizar essa divisão de espaços, o *Black Twitter* entende o “tempo de aquilombar” (EVARISTO, 2019) e o faz por meio da linguagem (ver figura 5). É nesse sentido que o *Black*

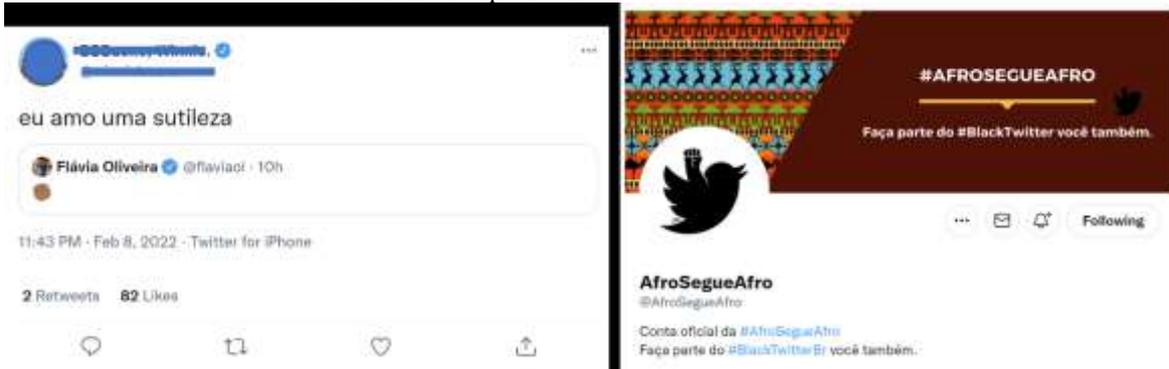
⁷ “‘Ter uma opinião racista é crime?’, pergunta Monark no Twitter antes de seu podcast perder patrocínio” (NICOLAU, 2021, online) e “Youtuber Júlio Cocielo é criticado por comentário sobre Mbappé: ‘conseguiria fazer uns arrastão top na praia’” (G1, 2018, online) são alguns dos casos frequentes na plataforma.

⁸ “Algoritmo racista: Twitter detalha como sua IA privilegia brancos em fotos” (SANTANA, 2021, online).

⁹ “essas mesmas *affordances* trazem visibilidade indesejada, particularmente escrutínio de grupos dominantes, de maneiras que inibem os usuários negros de participar livremente” (FLORINI, 2019, p. 69, tradução nossa).

Twitter ginga (ARAÚJO, 2017), ressignificando a fuga (BONA, 2020) como um processo de resistência coletiva e domínio do seu corpo, da sua voz e das suas subjetividades.

Figura 5 - *Emojis* (como o punho cerrado colocado pela jornalista Flávia Oliveira no momento da saída de participante acusada de racismo no BBB22), apropriações de imagens e *hashtags* servem como artifícios de aquilombamento no *Black Twitter*



Fonte: Dados da pesquisa.

A ginga, então, é acionada aqui para além do sentido de “jogo do corpo” na capoeira, mas como um jogo discursivo, um esquivar-se do todo em direção à retomada de si mesmo, “uma metalinguagem com capacidade de articular, de maneira ad-artística, ad-linguística, aspectos recursivos de uma luta que se faz em meio à muitas outras” (ARAÚJO, 2017, p. 6). Gingar no *Black Twitter* é brincar com as palavras ou praticar “*signifying*”, como ocorre no contexto do *Black Twitter* estadunidense (FLORINI, 2014), e se apropriar positivamente das *affordances* que servem, muitas vezes, para construções violentas contra suas existências. É utilizar dos mesmos recursos disponíveis, mas em direção da fuga destes espaços ou em prol de construções de pertencimento e de performance de raça, isto é, em um processo de aquilombamento por meio da linguagem do ambiente digital (ver figura 6).

Figura 6 - A gíngua ostentada na linguagem pelo *Black Twitter* brasileiro

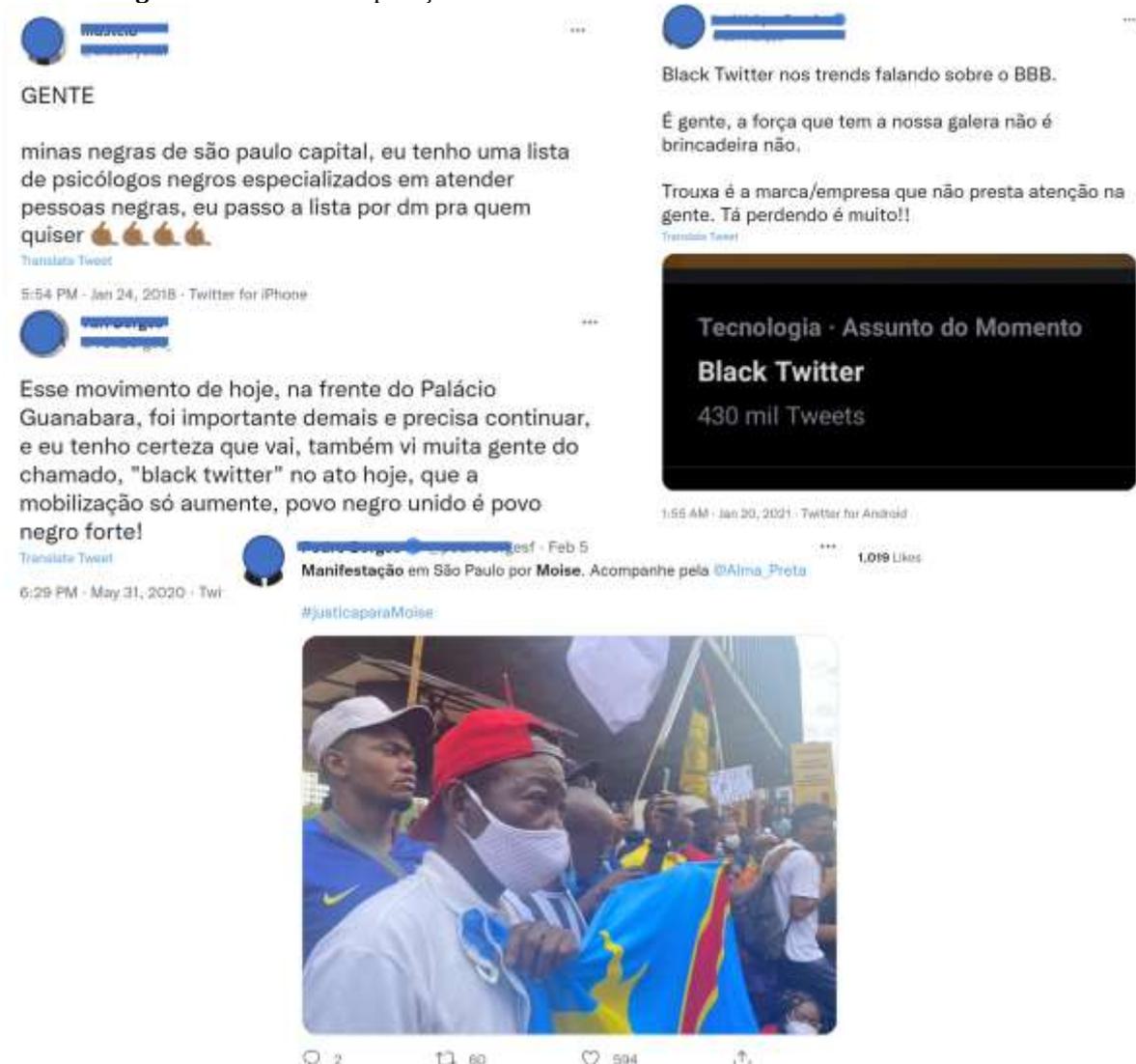


Fonte: Dados da pesquisa.

3.3 Hierarquias, senso de cooperação e mobilização no *Black Twitter*

No âmbito das continuidades, o *Black Twitter* se manifesta enquanto comunidade de forma semelhante aos agrupamentos tradicionais quando está em evidência o domínio da coletividade e do sentimento de cooperação (PALACIOS, 1996). Fica evidente, então, que o *Black Twitter* não é somente uma rede efêmera dentro da rede formada pela totalidade dos usuários do *Twitter*. É por meio do senso de colaboração e apoio que emerge essa ideia de um agrupamento com princípios e ares de comunidade. As vivências comuns, as lutas diárias e as experiências de opressão racial ajudam a fortalecer a necessidade de coesão do grupo ali formado, forjando um projeto comum: o senso de responsabilidade coletiva pela vida da população negra como um todo (CLARK, 2015). Nesse sentido, o *Black Twitter* tensiona o pressuposto de que nas comunidades virtuais, os “participantes deixam pra trás seus corpos” (PRIMO, 1997, p. 4), uma vez que o corpo negro, sob constante ameaça, é algo do qual nenhum sujeito negro pode ou quer esquecer. Sendo assim, dicas, movimentação por ajuda, mobilização para atos políticos e sociais, assim como apoio a espaços alternativos à mídia hegemônica para contra-narrativas são práticas comuns das comunidades e, portanto, do *Black Twitter* (ver figura 7).

Figura 7 - Senso de cooperação como fundamento da comunidade do *Black Twitter*



Fonte: Dados da pesquisa.

Embora o senso de projeto comum seja fortalecido no *Black Twitter*, sobretudo pela força das mobilizações para ação interna e externa ao ambiente digital, não parece haver indícios de que o caminho a vislumbrar para a comunidade seja a institucionalização, como seria a tendência das comunidades clássicas (PALACIOS, 1996), nem que o *Black Twitter* seria uma extensão de uma comunidade prévia. Talvez, o caráter aparentemente descentralizado e não-institucional do *Black Twitter* seja o que aproxima os participantes para uma coletividade mais coerente com as práticas sociais contemporâneas, isto é, com base em atividades que demandam menos hierarquias formais e menos fixidez. Aliás, essa lógica mais dinâmica e menos estável e hierarquizante é o que rompe com as normas de comunicação e organização visíveis (outra característica comum às comunidades tradicionais). No entanto, como já foi

apontado aqui, as hierarquias são pontos de tensão no *Black Twitter*, porque, embora esta comunidade não seja uma extensão do Movimento Negro Unificado (MNU), por exemplo, muitos participantes levam o capital social construído no Movimento para suas interações ali, ajudando a construir um sentimento de maior influência na rede e maior capacidade de alcance.

Dessa forma, pode-se dizer que o *Black Twitter* não é uma comunidade institucionalizada, mas sim a união de várias comunidades institucionalizadas com, também, membros avulsos e de outras comunidades não institucionais. Sendo assim, apesar de não ser uma extensão de um agrupamento institucionalizado, o *Black Twitter* não está alheio às comunidades das quais seus membros já participam previamente. Nesse sentido, o *Black Twitter* é uma comunidade criada no ambiente digital, mas os espaços *ciber* e *não-ciber* são interconectados e se impactam mutuamente. Apesar de ter nascido no ciberespaço, o *Black Twitter* é intensamente impactado pelos acontecimentos *offline*, sobretudo se o ocorrido impacta a “rede social que importa” (RECUERO; ZAGO, 2016, p. 83). Ser participante de outras comunidades, portanto, assim como outros fatores relacionados à territorialidade (como visto na discussão sobre território e colonialidade), são alguns dos atributos que problematizam a ideia de uma total descentralização ou total falta de hierarquia no *Black Twitter*, sobretudo pela presença dos perfis verificados e da sua rede de relações (ver figura 4).

Se os perfis verificados do *Black Twitter* tensionam a inexistência de hierarquia, eles também ajudam na percepção de permanência – atributo fundamental das comunidades clássicas. Uma vez que sua rede se mantém ativa, mesmo com a saída de algum membro há a sensação de continuidade, que também garante o fortalecimento da comunidade em si. O *Black Twitter*, então, não se manifesta em efemeridade, porque há constância não só no acionamento da comunidade enquanto construto coletivo, quanto na identificação de certos membros como sujeitos recorrentes nas discussões, mobilizações, trocas e compartilhamentos. A permanência, portanto, pode ser um fator importante para a manutenção de um sentido de hierarquia, cuja negação é quase absoluta se for colocado em debate. Nesse sentido, as hierarquias, assim como os outros construtos ideais de comunidade, dialogam com as *affordances* da materialidade para construir o aparato simbólico em circulação, mas, assim como estes aparatos não são institucionalizados, podem ser renegociados e reformulados a qualquer tempo.

4 Considerações finais: renegociando sentidos de comunidade a partir do *Black Twitter*

Este trabalho buscou discutir os pressupostos acerca de comunidades e comunidades digitais a partir do *Black Twitter*, entendendo que há fraturas importantes e continuidades significativas que podem ajudar na compreensão dos agrupamentos sociais contemporâneos em materialidades digitais. Embora, para o *Black Twitter*, a raça seja um fator de pertencimento relevante e fundamental, em diálogo constitutivo com as especificidades da materialidade, não necessariamente impede que sejam feitas generalizações e ampliações, mesmo para comunidades digitais que se valham de outras dinâmicas identitárias. Sendo assim, a análise sobre comunidades contemporâneas pode ser impactada por essas renegociações que, no contexto do *Black Twitter*, se fundamentam na problematização da territorialidade, da permanência, da percepção de unidade e pertencimento, das hierarquias e do senso de cooperação. A gíngua, que na dimensão racial do *Black Twitter* se manifesta como um atributo particular, pode ser substituída por outros modos de construção de esquivo, disputa e reapropriação, entendendo que cada dimensão das identidades aciona sentidos diversos de práticas sociais de resistência.

O *Black Twitter*, portanto, insere problematizações importantes em torno de pertencimento e território, sobretudo quando admite o dialogismo do pertencimento e sua não-eletividade; assim como pressupõe uma territorialidade simbólica, fora inclusive dos limites pensados para comunidades virtuais. O território não consegue ser demarcado espacialmente, mas apenas por práticas de construção de unidade na conversação, utilizando a gíngua como um modo de delimitação de um *locus* protegido daquele lugar comum e muitas vezes hostil. Nesse sentido, a racialização é tanto o fator necessário à construção de um “mundo comum”, como é o aquilo que produz as fronteiras definidas da comunidade, sendo, portanto, um dos elementos fundamentais para a manutenção da rede e da participação individual no grupo. No *Black Twitter*, o pertencimento, então, não é construído a partir de um interesse frívolo e volátil, mas obedece a rígidos sentidos culturais que pairam sobre corpos e sujeitos negros em suas experiências de sociabilidade. Essa é uma demarcação estável da comunidade que, em comunidades virtuais, tende-se a negligenciar.

Nesse sentido, é interessante perceber o *Black Twitter* em suas continuidades, sobretudo no que diz respeito aos processos de aquilombamento já comuns no ambiente digital. Embora sejam tensionados sentidos de permanência, hierarquia (agora não institucionalizada e baseada em participação ativa e *affordances* materiais, como a verificação

da plataforma) e território, o *Black Twitter* parece reforçar o ideal de cooperação, mobilização e resistência, mesmo em uma comunidade difícil de ser definida e explicada. Às *affordances* da materialidade, se inserem percalços à manutenção dos sentidos de comunidade tradicionais, também permitem que os signos de pertencimento sejam renegociados, construindo, talvez, um *locus* até mais protegido da hostilidade externa, uma vez que não há como saber onde começa e onde termina. Os ataques, quando acontecem, são direcionados a um construto coletivo imaginado que, apesar de real, borra suas fronteiras e dificulta a identificação dos seus participantes, gingando para ser percebido e visível apenas quando é do seu interesse.

Sendo assim, compreender o *Black Twitter* é avançar tanto nos estudos sobre comunidades contemporâneas quanto nos processos de racialização envolvidos em práticas sociais no ambiente digital. Ainda há lacunas significativas na compreensão de comunidades marginalizadas que se inscrevem digitalmente, assim como de que modo sujeitos marginalizados operam, exploram e entendem os sistemas e as estruturas que direcionam suas vidas online (HAMILTON, 2020). É comum, em estudos sobre materialidades digitais em conexão com racialidade, atribuir enfoque ao “*digital divide*”, isto é, em desigualdades de acesso a plataformas e redes de conexão, enquadrando pessoas, sobretudo no recorte de raça, classe e gênero, como *outsiders* (FLORINI, 2014) ou vítimas dos processos discriminatórios imbricados em tecnologias digitais. É importante, portanto, reconhecer suas presenças para além de seus apagamentos, entendendo que indivíduos marginalizados buscam sempre modos de fuga para resistir e continuar existindo nos ambientes de sociabilidade disponíveis.

Ao mesmo tempo, compreender os modos de construção de presenças marginalizadas é instaurar a necessária demarcação da não neutralidade racial das práticas ali estabelecidas, apontando para a importância de, constantemente, racializar o debate sobre materialidades digitais. O *Black Twitter*, portanto, desafia a utopia “*colorblind*” (HAMILTON, 2020, p. 293) em estudos sobre ambiente digital, indicando que tecnologias não estão imunes às dinâmicas culturais que atribuem desigualdades, tensionamentos e disputas entre os sujeitos, reproduzindo e reforçando tanto processos de violência e opressão como, em contrapartida, fornecendo o espaço para construção de técnicas de resistência, fortalecimento comunitário e narrativas de coletividade.

Financiamento

A autora Fernanda Carrera possui Bolsa de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – Nível 2). O presente trabalho também foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, vinculado à autora Denise Carvalho.

Referências

ARAÚJO, Rosângela Costa. Ginga: uma epistemologia feminista. *In*: 13º MUNDOS DE MULHERES E FAZENDO GÊNERO 11, 13. 2017, Florianópolis. **Transformação, conexões, deslocamentos** [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1-14.

BONA, Dénètem Touam. **Cosmopoéticas do refúgio**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.

BOYD, Danah. Social network sites as networked publics: affordances, dynamics, and implications. *In*: PAPACHARISSI, Zizi (ed.). **A networked self: identity, community and culture on social network sites**. London: Routledge, 2011, p. 151-172.

BROCK, André. From the blackhand side: Twitter as a cultural conversation. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, Abingdon, v. 56, n. 4, p. 529-549, 2012. Available in: <https://doi.org/10.1080/08838151.2012.732147>. Accessed on: 13 mar. 2023.

CLARK, Meredith D. **To tweet our own cause: A mixed-methods study of the online phenomenon "Black Twitter"**. 2015. Dissertation (Doctor of Philosophy) - University of North Carolina at Chapel Hill, Chapel Hill, 2015.

CRISS, Shaniece *et al.* Twitter fingers and echo chambers: Exploring expressions and experiences of online racism using twitter. **Journal of racial and ethnic health disparities**, Cham, v. 8, n. 5, p. 1322-1331, 2021. Available in: <https://doi.org/10.1007/s40615-020-00894-5>. Accessed on: 13 mar. 2023.

CUNHA, Rodrigo; ALELUIA, Débora. Verificados: fontes jornalísticas privilegiadas no Twitter. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44. Recife. **Anais** [...]. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2021. p. 1-14.

DIXON, Stacy Jo. Distribution of Twitter users worldwide as of april 2021, by age group. **Statista**, New York, 29 mar. 2022. Available in: <https://www.statista.com/statistics/283119/age-distribution-of-global-twitter-users/>. Accessed on: 14 mar. 2023.

DOYLE, Brandon. TikTok Statistics: Updated feb 2023. **Wallaroo**, 16 feb. 2023. Available in: <https://wallaroomedia.com/blog/social-media/tiktok-statistics/>. Accessed on: 14 mar. 2023.

EVARISTO, Conceição. Tempo de nos aquilombar. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 mar. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/em-textos-ineditos-escretores-expressam-desejos-para-2020-1-24165702>. Acesso em: 9 fev. 2022.

FERREIRA, Levi Kaique. **Matéria explicando todo o caso da prisão injusta de Gabriel e a mobilização que o Pretitudes fez e todo barulho que o Black Twitter fez pra conseguirmos soltar ele**. Campinas, 15 jun. 2020. Twitter: @LeviKaique. Disponível em: <https://mobile.twitter.com/levikaique/status/1272639532937220101>. Acesso em: 13 mar. 2023.

FLORINI, Sarah. **Beyond Hashtags: racial politics and black digital networks**. New York: New York University Press, 2019.

FLORINI, Sarah. Tweets, Tweeps, and Signifyin' communication and cultural performance on "Black Twitter". **Television & New Media**, Thousand Oaks, v. 15, n. 3, p. 223-237, 2014. Available in: <https://doi.org/10.1177/1527476413480247>. Accessed on: 13 mar. 2023.

G1. Youtuber Júlio Cocielo é criticado por comentário sobre Mbappé: 'conseguiria fazer uns arrastão top na praia'. **G1**, São Paulo, 30 jun. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/youtuber-julio-cocielo-e-criticado-por-comentario-sobre-mbappe-conseguiria-fazer-uns-arrastao-top-na-praia.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2023.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMILTON, Amber M. A genealogy of critical race and digital studies: Past, present, and future. **Sociology of Race and Ethnicity**, Thousand Oaks, v. 6, n. 3, p. 292-301, 2020. Available in: <https://doi.org/10.1177/2332649220922577>. Accessed on: 13 mar. 2023.

HILL, Marc Lamont. "Thank you, Black Twitter": State violence, digital counterpublics, and pedagogies of resistance. **Urban Education**, Thousand Oaks, v. 53, n. 2, p. 286-302, 2018. Available in: <https://doi.org/10.1177/0042085917747124>. Accessed on: 13 mar. 2023.

JONES, Quentin. Virtual-communities, virtual settlements & cyber-archaeology: a theoretical outline. **Journal of Computer-Mediated Communication**, Cary, v. 3, n. 3, dec. 1997. Available in: <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.1997.tb00075.x>. Accessed on: 13 mar. 2023.

LEMOS, André. Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. In: MÉDOLA, Ana Sílvia Lopes Davi; ARAUJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda (org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**: livro da XV COMPÓS. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 277-293.

McCLAY, Cache. Why black TikTok creators have gone on strike. **BBC News**, London, 15 jul. 2021. Available in: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-57841055>. Accessed on: 14 mar. 2023.

NICOLAU, Analice. “Ter uma opinião racista é crime?”, pergunta Monark no Twitter antes de seu podcast perder patrocínio do IFood e da Trybe. **Jornal de Brasília**, Brasília, 31 out. 2021. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/blogs-e-colunas/analice-nicolau/ter-uma-opiniao-racista-e-crime-pergunta-monark-no-twitter-antes-de-seu-podcast-perder-o-patrocinio-do-ifood-e-da-trybe/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

PALACIOS, Marcos Silva. Cotidiano e sociabilidade no Cyberespaco: apontamentos para uma discussao. In: FAUSTO NETO, Antonio; PINTO, Milton José (org.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996. p. 87-104.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. A emergência das comunidades virtuais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 20. 1997, Santos. **Anais [...]**. Santos: Universidade Católica de Santos, 1997. p. 1-15.

REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA. **#LiberdadeProGugu**. Rio de Janeiro, 25 mar. 2021. Twitter: @rede_seguranca. Disponível em: https://twitter.com/rede_seguranca/status/1375117970784014336. Acesso em: 13 mar. 2023.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. Em busca das “redes que importam”: redes sociais e capital social no Twitter. **Líbero**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 81-94, dez. 2016.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel da Cunha. Comunidades virtuais em redes sociais na internet: uma proposta de estudo. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, v. 4, p. 1-27, dez. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.57>. Acesso em: 13 mar. 2023.

RECUERO, Raquel da Cunha. Comunidades virtuais: uma abordagem teórica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO, 5. 2004, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: PUC, 2004. p. 1-14.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996. (Ciência aberta).

SANTANA, Lucas. Algoritmo racista: Twitter detalha como sua IA privilegia brancos em fotos. **Tilt Uol**, São Paulo, 20 maio 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/05/20/twitter-detalha-como-seu-algoritmo-privilegia-pessoas-brancas-em-fotos.htm>

SCHUINA, Thiago. **Dia 28 precisamos lotar a porta do Tribunal de Justiça. Racista não passará**. Rio de Janeiro, 23 mar. 2019. Twitter: @tscmrj. Disponível em: <https://twitter.com/tscmrj/status/1109611381744173056>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SILVA, Edna de Mello; PALLADINO, Frederico. O “Estar-Junto”: da comunidade ao neotribalismo. In: SOUZA, Rose Maria Vidal de; MELO, José Marques de; MORAIS, Osvando J. **Teorias da comunicação: correntes de pensamento e metodologia de ensino**. São Paulo: INTERCOM, 2014. p. 418-437.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade. In: MIRANDA, Orlando de. **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: EdUSP, 1995, p. 231-352.

VASCONCELOS, Caê. Gabriel foi preso por roubo. Única prova: a cor de sua pele. **Ponte**, São Paulo, 14 jun. 2020. Disponível em: <https://ponte.org/gabriel-foi-presos-por-roubo-unica-prova-a-cor-de-sua-pele/>. Acesso em: 13 mar. 20

Black Twitter: renegotiating senses of community in digital materialities

Abstract

This paper conducts a theoretical and exploratory discussion about Black Twitter and the reconfigurations of the meanings of community in the contemporary context. When thinking about Black Twitter as a singular manifestation of social grouping, it is understood here the need to rethink the convictions, the meanings and assumptions about communities, even those already intended in the conjuncture of digital materialities. In this sense, we suggest renegotiations of community ideals already theoretically consolidated, between dimensions of ruptures and continuities, focusing on the ideals of belonging, territory, unity, permanence, hierarchy and cooperation, in addition to inserting *ginga* as a fundamental construct for the understanding of Black Twitter and its communicational practices of community building in the face of the current sociocultural and technological scenario.

Keywords

Black Twitter; communities; digital materialities

Autoria para correspondência

Fernanda Carrera
fernanda.carrera@eco.ufrj.br

Denise Carvalho
denisecarvalho.mail@gmail.com

Como citar

CARRERA, Fernanda; CARVALHO, Denise. Black Twitter: renegociando sentidos de comunidade em materialidades digitais. **Intexto**, Porto Alegre, n. 55, e-129496, 2023. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.129496>

Recebido: 19/01/2023

Aceito: 10/03/2023



Copyright (c) 2023 Fernanda Carrera, Denise Carvalho. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.